

CINEMATECA PORTUGUESA-MUSEU DO CINEMA
TUTTO FELLINI!
A Cinemateca com a 13ª Festa do Cinema Italiano
11 e 14 de novembro de 2020

HISTOIRES EXTRAORDINAIRES TRE PASSI NEL DELIRIO / 1968 *(Histórias Extraordinárias)*

um filme de Roger Vadim, Louis
Malle e Federico Fellini

Sketch **Metzengerstein** / **Realização:** Roger Vadim / **Argumento:** Roger Vadim e Pascal Cousin, inspirado num conto de Edgar Allan Poe / **Fotografia:** Claude Renoir / **Montagem:** Hélène Plemiannikov / **Interpretação:** Jane Fonda (a jovem Castelã), Peter Fonda (o seu primo), Philippe Lemaire, François Prévost, Annie Duperrey.

Sketch **William Wilson** / **Realização:** Louis Malle / **Argumento:** Louis Malle, inspirado num conto de Edgar Allan Poe / **Fotografia:** Tonino Colli / **Montagem:** Franco arcalli e Suzanne Baron / **Interpretação:** Alain Delon (William Wilson), Brigitte Bardot (rapariga), Katia Kristina, Umberto d'Orsi.

Sketch **Toby Dammit** / **Realização:** Federico Fellini / **Argumento:** Federico Fellini e Bernardino Zapponi, inspirado num conto de Edgar Allan Poe / **Fotografia:** Giuseppe Rotunno / **Montagem:** Ruggiero Mastroianni / **Interpretação:** Terence Stamp (Toby Dammit), Salva Prandone, Anne Tonietti, Falerizio Angeli.

Produção: Les Films Marceau (Paris) - P.E.A. (Roma) / **Música:** Nino Rota / **Cópia:** 35mm, cor, falada em inglês e italiano, legendado eletronicamente em português, 120 minutos / **Estreia Mundial:** Paris, 4 de Junho de 1968 / **Estreia:** Monumental (Lisboa), 3 de Outubro de 1975.

Podia dizer que **Histórias Extraordinárias** é um bom exemplo dos limites e da ineficácia do sub-género em que redundaram os "filmes de sketches", falência que se acentuou no final dos anos 60 – e é um bom exemplo, ou dito de outro modo, um exemplo bom, porque, se não estivermos possuídos de fundamentalismo estético, este três episódios oferecem-nos algum regalo emotivo e narrativo. Começamos pelas coisas simples e evidentes: o elo que liga os episódios destas **Histórias Extraordinárias** é serem, todos eles, adaptações de contos de Edgar Allan Poe; desune-os o facto das leituras dos três realizadores serem cada uma de sua cor, *pathos* e estilo. Como boa parte dos filmes de episódios, também este é uma co-produção franco-italiana, reunindo três realizadores de peso, desses anos 60 de atómica leveza. Se tinham Edgar Allan Poe para oferecer, os três realizadores, provavelmente desconfiados do valor de troca da velha literatura, procuraram outras garantias bancárias, o que nos permite assistir ao desfile, erotíssimo, de Brigitte Bardot, Jane Fonda, Alain Delon e, mesmo, Terence Stamp, que, se queremos falar de erotismo, nesse mesmo ano, no **Teorema**, de Pasolini, aviava toda uma inteira família de classe alta de Milão.

Para comparar o que é comparável, neste **Histórias Extraordinárias** o cinéfilo não encontrará a unidade estilística e as rimas em que pode deliciosamente tropeçar noutros filmes de episódios anteriores, como em **Paris Visto Por...** se eu quisesse dar um exemplo. Talvez essa unidade existisse no projecto inicial dos produtores Alberto Grimaldi e Raymond Eger: tinham convidado

Luchino Visconti, Claude Chabrol, Joseph Losey e Orson Welles – parece que também Buñuel. Mas nenhum destes realizadores acabou por ficar no projecto. É pena, teria sido fascinante ver como colariam, lado a lado, sketches de Welles e de Fellini, dois realizadores que Manoel de Oliveira, numa entrevista que me deu para os “Cahiers du Cinéma”, considerava pertencerem à classe dos prestidigitadores ou ilusionistas, por oposição aos “sérios” Dreyer ou Ford. Essa prestidigitação e ilusionismo estão presentes nos três episódios de Vadim, Malle e Fellini, passe embora a ausência de Welles, que se propunha filmar um sketch, no qual fundiria dois contos de Poe, a *Masque of the Red Death* e *The Cask of Amontillado*. Welles não filmou, mas escreveu esse guião, que não conheço, mas pode ser lido por quem, indo a Munique, em vez de ir ao estádio do Bayern prefira ir escarafunchar a biblioteca da Cinemateca bávara.

O primeiro episódio, **Metzengerstein**, de Roger Vadim, apresenta-nos um Poe carregado de uma libertinagem que não deixa – até pela presença de Jane Fonda – de ecoar ou evocar o erotismo de **Barbarella**, que ambos tinham acabado de fazer. Decadente e licencioso, o episódio centra-se numa Jane Fonda promíscua, incapaz de suportar a rejeição. Deboche e orgia, que reflectem as inquietações artísticas de Vadim, mas também, pelo que posteriormente Vadim e Fonda contaram, as suas vivência da época. Um cavalo negro – belíssimo – e as pernas de Fonda – contornáveis – resgatam o episódio.

William Wilson tem, no texto de Poe, uma frase admirável que diz, sem extravagância ou dissipação, o rigor do conto: “Gostaria que concedessem - o que não podem recusar-se a conceder - que embora este mundo tenha conhecido grandes tentações, jamais o homem chegou a ser tentado desta maneira - e certamente jamais sucumbiu desta maneira”. Talvez este absoluto não se cheire ou muito menos alcance no sketch de Louis Malle. Mas o encontro de Alain Delon consigo mesmo tem uma ponta de fascínio, que talvez decorra da melancolia intrínseca que o actor emana – e é preciso ser-se um espectador muito ingrato para recusar essa pequena graça. Acresce, mau grado o torcido nariz com que Malle a recebeu, por querer uma valha-me Deus Florinda Bolkan, que Brigitte Bardot invade o episódio, essa mesma Bardot que Wim Wenders amava por pensar que ela falava alemão e que eu sempre amei loira, até a descobrir morena, quando pela primeira vez vi, aos 21 anos, estas **Histórias Extraordinárias**. Identidades em espelho, nevrose e fetichismo, com marca de infância, a culminar na cena de Alain Delon a castigar a morena BB, são boa sopa para o espírito, uma sopa tratada com um mise-en-scène que hoje podemos tomar como clássica.

E o filme fecha com Fellini e com a sua visão barroca de **Toby Dammit, não se deve apostar a cabeça com o diabo**. Com a habitual truculência, Federico resolveu ser “infiel” ao texto e é essa infidelidade que alimenta a conjugação entre os diferentes universos do escritor e do cineasta. Fellini transpôs a história para a actualidade e para o espaço cinematográfico. Com esses novos dados engendrou, então, o “fantástico” característico de Poe, como reconhece o crítico francês Jacques Aumont: “A partir dos dois personagens centrais (o “herói” e o diabo, os únicos cuja monstruosidade é propriamente inumana), o fantástico invade todo o filme, transformando a corrupção absolutamente terrestre dos personagens e as situações tipicamente fellinianas numa visão terrífica e sulfurosa, amplificada pelas dominantes sinistras e as brumas da imagem.” Essa visão terrífica começa logo no ambiente de recepção no aeroporto a Toby Dammit, continua na sequência da entrevista na televisão, acabando nessa pasmosa corrida para o demoníaco, que homem e automóvel cumprem na impossível, por labiríntica, auto-estrada. E se há **Barbarella** no episódio de Vadim, neste **Toby Dammit, não se deve apostar a cabeça contra o diabo** há fortes reminiscências das sacrossantas obras fellinianas, de **La Dolce Vita** a **Otto e Mezzo**.

Se mais não fosse preciso, bastaria o episódio de Fellini, criativo e surreal, para justificar estas **Histórias Extraordinárias**. Há mais. Os temas: deboche e rejeição, sadismo e jogo de duplos, fantástico e alucinação. E os corpos, ou chamemos-lhes antes actores: os de Fonda e Bardot, os de Delon e Stamp.

Manuel S. Fonseca